

**DOS ESTUDOS PARA A PAZ
E DA GUERRA COMO EXPRESSÃO
DE INTERESSES RENOVADOS
NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Ana Isabel Xavier

DOS ESTUDOS PARA A PAZ E DA GUERRA COMO EXPRESSÃO DE INTERESSES RENOVADOS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Ana Isabel Xavier

Não existe um caminho para a paz, a paz é o caminho!

Ghandi

NOTAS INTRODUTÓRIAS

As preocupações pela paz e pelo conflito encontram as suas raízes na história da humanidade e em filósofos e pensadores como Platão, Tucídides, Hobbes ou Kant. Mas é a partir dos anos 30 a 50 do século XX que a orientação da investigação científica sobre a paz e a guerra encontra nas Relações Internacionais (RI) a resposta ao desejo de estabelecer as causas da conflitualidade e antecipar os meios para evitar o eclodir de uma nova guerra. De facto, foi só nos anos subsequentes à segunda guerra mundial (1939-1946) que os estudos para a paz foram estabelecidos como campo formal de investigação.

Com influência notória do espírito Wilsoniano para o florescimento de uma sociologia de intervenção comprometida com a realidade social, a grande preocupação foi a de evitar que se repetissem guerras internacionais, bem como o imperialismo agressivo nas relações norte-sul e os limites dos modelos de desenvolvimento económico, o comércio internacional de armas e as relações entre gastos militares e necessidades sociais. Neste contexto, um dos legados da tradição cultural do ocidente assumiu que a paz sempre se debruçou numa perspetiva negativa como a simples ausência de conflito ou de guerra. Não é, por isso, de estranhar que os ensaios tradicionais sobre a paz no âmbito das RI não tenham sido mais do que uma investigação sobre a guerra, os conflitos e os meios de evitá-lo. Hoje, a paz concebe-se tanto negativa como positivamente, ou seja, quer como ausência de conflito e violência, quer como realização da justiça social.

DA PERSPETIVA MINIMALISTA E CORRENTE INTERMÉDIA

Tradicionalmente, as perspetivas de estudo para a análise da realidade internacional remetem-nos para as causas da guerra e para as condições da trilogia paz-segurança-ordem. Neste sentido, a principal unidade de análise é o

comportamento diplomático-estratégico dos Estados-nação, num sistema caracterizado pela anarquia ou pela ausência de uma autoridade central. A partir desta perspectiva, as divisões ideológicas nos estudos para a paz distinguem normalmente entre investigações sobre o conflito (investigação para a paz em sentido restrito) e investigações realizadas em torno da guerra, o conflito e a paz, a exploração e a opressão entre os Estados e o seu interior, o neocolonialismo e o imperialismo (investigação para a paz em sentido amplo).

Os novos estudos para a paz trazem consigo um entendimento mais amplo da paz e a distinção de três grandes correntes que diferem no tipo de violência tratada e subsequente estratégia de investigação e ação. A primeira corrente é a minimalista ou o estudo das causas da guerra, para a qual a Paz equivale simplesmente à ausência de guerra internacional, pelo que evitar os confrontos militares entre os Estados é o objetivo. Predominam as posições que procuram a manutenção do status quo, sendo que não se deve pôr em causa a ordem existente dado os custos que tal comporta.

Os pioneiros da análise científica das causas a guerra e os antecedentes da investigação para a paz podem ser encontrados em vários apelos para o estabelecimento de uma ciência da paz. Na Europa continental e a partir da criação, em 1945, por Bouthol, do *Institut Français de Polemologia*, desenvolve-se uma dinâmica própria no campo de investigação que pretende formular uma teoria do conflito armado, através do estudo das causas da guerra. Paulatinamente, o estudo das causas da guerra amplia a sua atenção para a investigação de como começam e terminam as guerras, procurando a elaboração de modelos que permitam apreender as situações de opção entre a continuação da guerra ou a negociação e a paz, que se produzem nos processos de tomada de decisão.

Porém, a paz não é apenas a ausência de guerra, mas também a ausência de um sistema de ameaças, ou seja, a ausência de instrumentos e instituições de guerra. Uma corrente intermédia ou investigação sobre o conflito pressupõe uma certa convergência entre o estudo das causas da guerra e do conflito internacional e o estudo do conflito no seio das sociedades estatais e demais grupos, dado que, perante o incremento dos conflitos transnacionais e a internacionalização dos conflitos internos, a distinção entre o interno e o internacional perdem progressivamente a sua importância.

Em última instância, a investigação sobre o conflito pretende facilitar a nossa compreensão dos diferentes tipos de conflito humano, mediante o estudo, a comparação e o contraste deste tipo de conflitos, mais do que investigar cada um isolado dos demais.

DA NOÇÃO AMPLA DE PAZ

Como reação às visões minimalistas e intermédias tradicionais, os estudos para a paz não se assumem como uma mera teoria ou abordagem, não se baseiam numa disciplina particular nem têm uma metodologia comum, configurando-se mais como uma missão intelectual dedicada ao estudo da/para a paz na sociedade humana. Toda a sua amplitude e complexidade ultrapassa, conseqüentemente, o campo tradicionalmente específico da disciplina das Relações Internacionais, de considerações exclusivas sobre a guerra e o conflito internacional. Os estudos para a paz assumem-se como uma filosofia interdisciplinar e transdisciplinar que pretende traspasar as barreiras disciplinares na compreensão da natureza humana, da tomada de decisões, da análise dos conflitos e das alterações sociais não violentas, para terminar com a violência e a dominação.

Ao contrário da usual perspectiva da ciência social, que se individualiza por ser livre de valores, os estudos para a paz, mais do que simplesmente encorajarem o estudo da paz, são tendencialmente a favor da paz. Para além disso, trata-se de um movimento intelectual no qual coexistem interpretações distintas quanto aos seus objetivos, alcance e metodologia, mas que apresentam características comuns que importa referir:

- a consciência de que é necessária uma síntese entre as abordagens clássicas e científicas, tendo em conta um misto de quantitativo e qualitativo, bem como de realismo e idealismo (natureza interdisciplinar).
- da preocupação exclusiva pela teoria passa-se a uma ênfase na vertente mais prática dos problemas reais do mundo, pois a prática serve de base à teoria e a teoria questiona-se em função das suas aplicações práticas.
- perspectiva de transformação orientada para a formulação de alternativas para a ordem mundial com ênfase em processos não violentos de mudança política e social.
- superação do etnocentrismo dominante, concebendo o estudo e a investigação como uma missão verdadeiramente internacional que exige uma maior comunicação e conhecimento das características dos países.
- substituição do sistema interestatal por um sistema mundial transnacional e intercultural, já que o modelo estatocêntrico já não é válido para explicar os fenómenos internacionais.
- afirmação de um carácter antropocêntrico. A paz é a ausência de todo o tipo de violência, seja real ou virtual, direta ou indireta, exigindo-se que a sociedade seja reestruturada com o fim de conciliar os interesses a todos os níveis sobre o plano interno e internacional.

Em termos gerais, a investigação para a paz caracteriza-se então pela procura e afirmação de um novo paradigma que, em oposição ao paradigma tradicional do Estado e do poder, é mais abrangente e capaz de permitir uma análise da realidade mais holística. O Homem, as suas necessidades e direitos, a humanidade, a sociedade mundial, transformam-se em centros de atenção da teoria e pontos de referência para a investigação. Daí o sentido antropocêntrico, humanista e total que caracteriza os estudos para a paz. Daí que os estudos para a paz não tenham apenas uma visão negativa da procura das causas dos conflitos, da violência direta e de como superá-la, como também uma dimensão positiva de definição das estruturas sociais em que se pretende sobretudo assegurar uma justiça social, descobrindo os meios de realizar essas estruturas.

Assim, humana nos seus objetivos, científica no seu método e pragmática no seu esforço, a escola dos estudos para a paz é internacional pela sua natureza, global pela sua perspetiva e inspirada pela orientação direta para a ação.

Neste sentido, Del Arenal reforça que o alcance da investigação para a paz passa necessariamente por uma dimensão normativa e por uma orientação para a paz, afirmando que “ (...) a investigação para a paz carece de sentido se os resultados da mesma não se projetarem numa ação para a paz. A ação é, pois, uma componente essencial da investigação para a paz” (1984: 360). Do mesmo modo, Pureza assume que “(...) de facto, os estudos sobre a paz assumem-se como estrategicamente orientados para a transformação do sistema internacional em vista do estabelecimento prático dos pressupostos de paz universal e perpétua que servem de guia aos próprios estudos. É assumidamente uma proposta de investigação-ação, *policy oriented*.” (2001: 14).

Da perspetiva concreta de investigação para a paz, a principal crítica que se faz aos estudos anteriores é o seu carácter oficialista e conservador que ignora a realidade do conflito e da violência na sociedade e facilita a manipulação da investigação pela classe política, orientando-se sucessivas vezes para a manutenção da ordem existente, evitando qualquer alteração nas estruturas sociais, políticas e económicas, internas ou internacionais. Consciente da necessidade de romper com os pressupostos ahistóricos e associológicos da ciência social e de fazer uma ciência neutral desligada do mundo dos valores, a investigação para a paz centra-se, mais do que na violência física e manifesta, na violência social e económica nas relações sociais.

AS MATRIZES DE INVESTIGAÇÃO DE GALTUNG

A consciência prática de que as causas da guerra estão relacionadas com sistemas opressivos e de que os conflitos não podem ser resolvidos pelos esforços de

derrotar ou aniquilar um oponente numa solução de soma zero, conduziu às tradições de investigação da paz positiva. Johan Galtung (1995; 1996), o seu principal teorizador, atribui a violência e a pobreza às condições económicas e sociais opressivas.

Em 1964, o ano em que o *Journal of peace research* é pela primeira vez editado, Galtung explora a forma, o conteúdo e o padrão internacional de uma investigação para a paz profissional e científica. Não se tratava de uma ressurreição do que descreveu como ‘especulação idealista tradicional’, pois os novos investigadores da paz não estavam preocupados com a invenção filosófica da paz como valor ou em estabelecer a obrigação moral de o atingir.

Através da definição do conceito de paz e da aplicação da sociologia estrutural-funcionalista na análise do sistema internacional, Galtung assume como características principais dos estudos para a paz maximalista, a procura de um novo paradigma, não estatocêntrico; a preocupação normativa, materializada na paz como principal valor a fazer triunfar; a sua transdisciplinariedade; e a sua orientação para a ação, ou seja, a procura de aplicações práticas relevantes (Del Arenal, 1986: 51). De um modo geral, os principais contribuintes de Galtung fizeram sentir os seus ecos nos seguintes conceitos:

1. Noção Ampla de violência – Galtung defende um conceito abrangente de violência (violência estrutural ou indireta e cultural ou legitimada) e paz (paz direta, estrutural e cultural, de modo a que a paz exista quando uma transformação do conflito se pode desenrolar de forma não violenta). Para a reconstrução empírico-conceptual da noção de paz e tendo como conceitos centrais a justiça e o desenvolvimento, o autor (Galtung, 1996: 196; Guzman, 2001: 71), estabelece distinções entre:
 - 1.1. Violência física e violência psicológica – embora seja a primeira que normalmente se toma em consideração, a segunda estima-se como absolutamente necessária
 - 1.2. Violência positiva e negativa – entre a que produz um dano e a que não o produz
 - 1.3. Violência pessoal ou direta (noção de paz negativa pela orientação da perspetiva do autor que intenta as consequências da violência) e violência estrutural ou indireta (privação das condições mínimas de vida, resultado da desigualdade de distribuição do poder para decidir sobre a repartição dos custos do poder e da injustiça social). Tal supõe uma rutura com a conceção tradicional em torno do fenómeno da violência, evidenciando a repressão e a exploração como as duas formas maiores de violência estrutural. Transversal ao sistema de normas e comportamentos sociais, reproduzido pelas duas últimas noções, encontra-se a violência cultural, legitimada simbolicamente pela religião e ideologia,

linguagem e arte, ciência e direito, media e educação. Para Galtung, a paz é a ausência de violência de todo o tipo, a luta pela paz para reduzir a violência, a exploração científica das condições pacíficas para reduzir a violência, constituindo uma ciência social aplicada, explicitamente orientada por valores e para a ação (Guzmán, 2001: 72).

2. Noção positiva e ampla de paz – por mais importante que seja ser-se contra a guerra tal não é suficiente, porque também tem que se ser a favor da paz. Visto que os estudos para a paz são multidisciplinares, proclamam a adesão a valores e identificam as visões positivas da paz como mais importantes que a ausência de guerra. A luta pela paz é usualmente uma *road to transcend* a realidade empírica que não permite uma transformação não violenta ou um conflito pacífico. Galtung defende que uma noção ampla e violência leva a uma noção ampla de paz como ausência/redução da violência pessoal e estrutural de todo o tipo (definição negativa *violence oriented*) e como transformação não violenta e criativa do conflito (definição positiva *conflict oriented*). Ambas as definições apresentam especial ênfase no ser humano, fazendo dos estudos para a paz uma ciência social aplicada e intersubjetiva. Neste sentido, a noção positiva de paz requer o ultrapassar das formas identificadas com a violência estrutural. Define-se como a ausência de todo o tipo de violência real ou virtual, direta ou indireta, exigindo-se que a sociedade seja reestruturada com o fito de conciliar os interesses a todos os níveis, seja o plano nacional ou internacional. O seu objetivo de estudo é de tal modo amplo que abarca igualmente os campos minimalistas do estudo das causas da guerra e os campos intermédios de investigação sobre o conflito. O verdadeiro mérito do conceito de paz positiva é o de conceber a paz como violência decrescente e justiça crescente, numa orientação eminentemente normativa. A paz positiva equivale à presença dos componentes integrantes da dignidade humana, cuja garantia constitui obrigação da atuação política das sociedades nas quais se encontram as pessoas.
3. Diagnóstico, Prognóstico e Terapia: o triângulo da medicina planetária – para Galtung, o reconhecimento da paz como um valor social universal e os estudos para a paz são de tal modo vitais que impera uma analogia com as ciências médicas. Este entendimento reflete-se na perspectiva de que a paz pode ser encarada como valor similar na aplicação do triângulo diagnóstico-prognóstico-terapia (1996: 1) admitindo, inequivocamente, a preferência pela saúde em relação à doença, numa espécie de ‘medicina planetária’. Todos os Estados necessitam de um diagnóstico ou análise, não só da violência, mas também da paz, ou seja, de uma observação cirúrgica sobre causas, condições e contextos em vários espaços de forma

transdisciplinar. Se os Estados aparentam sintomas de doença, há que fazer o prognóstico adequado e indagar se há perspectivas de autorrecuperação ou se é necessário outro nível de intervenção/ingerência, normalmente externa. A questão parece ser simples: ou o corpo manifesta anticorpos suficientes para combater a doença ou tem que se administrar um 'antibiótico'. Em relação à terapia, os esforços deliberados pelo próprio ou por outro Estado para avançar para uma 'saúde positiva', só pode ser alcançada com uma mistura de terapia preventiva e curativa. A criação de paz tem então obviamente a ver com a redução da violência (cura) e com o evitar da violência (prevenção). Assim, Galtung apercebeu-se de uma série de paralelos entre o desenvolvimento dos estudos para a paz e da medicina, embora os primeiros não sejam meramente uma ciência aplicada, pois tal excluiria a importante função de ciência que providencia novas perspectivas, novos horizontes e novos objetivos. Para além disso, a profissionalização da medicina poderia ser comparável ao desenvolvimento do modelo dos estudos para a paz, ao mesmo centro que os centros de investigação para a paz se iriam multiplicar como questão de sobrevivência humana. Galtung viria mesmo a retomar a sua formulação de diagnóstico, prognóstico e terapia ao testar na prática a sua tese em quarenta conflitos decorridos entre 1952 e 1999, como sendo o conflito este-oeste durante a guerra fria, o conflito norte-sul, o conflito israelo-árabe, Chipre, Rodésia, Zimbabwe, Irlanda do Norte, Caxemira, Coreia, Golfo, Jugoslávia, Somália, Albânia, Líbano ou Colômbia (2000: 101-190).

AS DIMENSÕES DOS ESTUDOS PARA A PAZ

Galtung (1996) assinala três dimensões ou ramos dos estudos para a paz absolutamente necessárias e indispensáveis, consequência do seu carácter transdisciplinar, global e holístico.

A primeira é o empirismo ou estudos empíricos para a paz, pressupondo a comparação sistemática das teorias com a realidade ou os factos empíricos, sendo que os factos se sobrepõem às teorias, revelando mesmo as teorias se elas não estão em consonância com os factos. Os estudos empíricos para a paz informam-nos apenas sobre as condições e circunstância da paz e da violência, mas no passado, pois só o passado nos fornece os factos. Assim, por definição, trata dos problemas do passado.

A segunda é o criticismo ou estudos críticos para a paz, pressupondo a comparação sistemática da realidade empírica com os valores tentando, por palavras e atos, alterar essa realidade se ela não obedecer à superioridade dos valores.

A conclusão destes estudos não será a resposta empirista de que as teorias ou os valores são falsos, mas que a realidade está errada. Ocupa-se dos problemas do presente avaliando políticas concretas.

A terceira é o construtivismo ou estudos construtivistas para a paz. Esta dimensão associa as teorias aos valores para saber como funcionam, tal como os arquitetos e os engenheiros civis são essenciais para a construção de uma casa conjuntamente. O construtivismo pretende transcender o que as propostas empiristas oferecem, sendo que o criticismo se torna uma ponte indispensável entre as duas dimensões. Esta dimensão encara as teorias sobre o que pode funcionar e associa com os valores ancorados em motivações, desenhando possíveis estratégias de paz, perante um mundo globalizado pelas crises de ameaça de violência, miséria, repressão e rutura do equilíbrio ambiental.

Segundo o racional de Galtung, a dimensão empírica de superioridade dos factos em relação aos valores deve ser relegada e preterida em relação a uma dimensão crítica, de superioridade dos valores em relação às teorias. Galtung defende que “(...) o conflito pode ser transformado (não resolvido, porque os conflitos não são resolúveis) pelas pessoas de forma criativa, transcendendo as incompatibilidades no conflito e sem recorrer à violência”. (1995: 1). Assim, a paz não é considerada como um facto, mas como um valor em si mesmo que deve ser construído com ações práticas e diárias.

DA COMPLEMENTARIDADE DOS ESTUDOS CRÍTICOS E DOS ESTUDOS PARA A PAZ

Os estudos para a paz desafiam as teorias críticas, encorajando o desenvolvimento de uma metodologia crítica, pluralista e emancipatória, consistente com teorias de paz específicas que se orientam para a construção social (Patomaki, 2001: 733). O papel dos estudos para a paz assume-se, assim, como o de apoiar e favorecer a transformação da violência em política, possibilitando o desenvolvimento de uma sociedade internacional mais pacífica.

Deste ponto de vista, a relação entre teoria crítica e estudos para a paz é de causa efeito, pois “(...) como disciplina, as RI ajudaram a perpetuar o existente sistema internacional, mas os estudos para a paz pretenderam alterá-lo (...) os estudos para a paz pretendiam ser globais na sua análise, de novo em claro contraste com a teoria e prática ortodoxa das RI”. (Lawler, 1995: 50).

Entre estudos críticos e estudos para a paz, são três as concretizações dessa complementaridade:

1. Reforço da orientação normativa e emancipatória – comparada com a ciência pura, os estudos para a paz são uma disciplina aplicada e normativa ao ponto das motivações por trás das análises teóricas estarem associadas com o compromisso da mudança e do desejo de desenvolver as condições humanas e físicas para a paz. O objetivo é conseguir uma alternativa normativa aos pressupostos e julgamentos pré-concebidos da modernidade associadas à construção de uma sociedade civil global que ultrapassa as fronteiras dos Estados e “(...) rompe com o tradicional triângulo Estado-nação » segurança » soberania pois toda a terra é soberana”. (Guzmán, 2001: 68-69). Para além disso, “a exigência da emancipação de falsas necessidades permanece” (Patomaki, 2001: 724), pois perdura a necessidade constante de refletir sobre as bases, os significados e as metodologias deste projeto emancipatório.
2. Explicação crítica das estruturas sociais, determinando conteúdos sociopolíticos concretos que fomentam e possibilitam a agressividade coletiva e a disposição face à violência. A natureza dos estudos para a paz não pode ser separada de um processo dialógico entre os significados locais e as perspectivas globais, sendo que a compreensão do significado de paz deve ser analisada pela perspectiva das pessoas mais afetadas pela violência (Jeong, 2000: 45), investigando as suas estruturas sociais e culturais, as suas relações e processos. Com a ênfase nos problemas da relação Estado-sociedade e dos conflitos das sociedades nas suas dimensões socioeconómica e política-identitária, podemos afirmar que, até certo ponto, os estudos para a paz anteciparam muitas das preocupações do pós guerra fria.
3. Cristalização do conceito de paz positiva e, paralelamente, da ausência de violência estrutural e ausência de tudo o que obstaculiza a autorrealização do Homem e a sua liberdade e emancipação. Só assim poderá ser possível concretizar uma verdadeira educação para a paz que “(...) não nos prepare para viver em paz, mas lutar pela paz, mobilizarmo-nos em direção à paz” (Bourgeault, 1999: 177).

NOTAS CONCLUSIVAS

A Paz nunca é completamente atingida, podendo apenas tentar aproximar-nos dela. Os movimentos pacifistas e os estudos para a paz pretendem ajudar a estabelecer esse enesejo e a representar essa escolha, já que a paz é fundamentalmente um conceito ético.

Johan Galtung parte do princípio que a disciplina das Relações Internacionais e que o pensamento sobre a paz tradicional nunca se preocupou adequadamente

com a realização da paz. A preocupação com a realização da paz como estado permanente das RI não só sempre pareceu uma ideia *naive* como disparatada. Ao rejeitar explicitamente o racionalismo, coligando-o ao dogmatismo e ao pensamento *a priori*, Galtung aprofundou a confrontação histórica entre filosofia e ciência e entre o idealismo filosófico e o realismo.

Assim, o contributo de Galtung é perdurável nas peculiaridades dos denominados estudos para a paz que, historicamente, se situam entre a primeira e a segunda guerra mundial e que se sustentam na confiança na ciência e no compromisso com os valores; na luta pela paz como luta pacífica – *peace by peaceful means* – para reduzir a violência; e nos estudos para a paz como exploração científica das condições pacíficas para reduzir a violência.

Frederico Mayor Zaragoza, antigo diretor-geral da UNESCO, afirmava que para transformarmos uma cultura de guerra numa cultura para a paz, temos que mudar valores, atitudes e comportamentos do passado. Em vez do cínico provérbio “Se queres a paz, prepara-te para a guerra”, deveremos proclamar “ Se queres a paz, prepara-te para a paz”. A paz não é apenas uma condição política ou uma aspiração ética, mas uma categoria moral e cultural. Mas estaremos à altura deste desígnio?

Referências bibliográficas

- BOURGEAULT, Guy (1999). “Building peace through a new ethics: an educational task”, in Dorn, A. Walter (org.). *World order for a new millennium – political, cultural and spiritual approaches to building peace*. London: Macmillan Press.
- DEL ARENAL, Celestino (1986). *La investigación para la paz. Cursos de Derecho Internacional de Vitoria-Gosteiz*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GALTUNG, Johan (1996). *Peace by peaceful means – peace and conflict, development and civilization*. Oslo: International Peace Research Institute.
- GALTUNG, Johan (1995). “Peace and conflict research in the age of the cholera: ten pointers to the future of peace studies”. *Peace and conflict studies*, 2 (1).
- GUZMAN, Vicent Martinez (2001). *Filosofia para hacer las paces*. Castello: Icaria.
- JEONG, Ho-won (2000). “Peace-research” in Jeong, Ho-won. *Peace and conflict Studies – an introduction*. Aldershot: Ashgate Publishing.
- LAWLER, Peter (1995). *A question of values – Johan Galtung’s peace research (critical perspectives on world politics)*. London: Lynne Rienner Publishers.
- PATOMAKI, Heikki (2001). “The challenge of critical theories: peace research at the start of the new century”. *Journal of peace research*, 38 (6).
- PUREZA, José Manuel (2001). “Estudos sobre a paz e cultura da paz”. In Pureza, José Manuel (org.). *Para uma cultura da Paz*, 1. Coimbra: Quarteto Editora.

